



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JULIO DE MESQUITA FILHO”
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS E CIÊNCIAS EXATAS



Trabalho de Graduação

Curso de Graduação em Geografia

Título: Geopolítica da Rússia nos Espaços Pós-Soviéticos

Discente: Matheus Blazissa Martini

Orientador: Prof. Dr. José Gilberto de Souza

Rio Claro (SP)

2016

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

Instituto de Geociências e Ciências Exatas

Câmpus de Rio Claro

Matheus Blazissa Martini

Geopolítica da Rússia nos Espaços Pós-Soviéticos

Trabalho de Graduação apresentado ao Instituto de Geociências e Ciências Exatas - Câmpus de Rio Claro, da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, para obtenção do grau de Bacharel em Geografia.

Rio Claro (SP)

2016

RESUMO

O atual cenário geopolítico mundial se renovou diante de novos contextos e sob diferentes perspectivas. Entre conflitos armados, disputas ideológicas e ataques cibernéticos, a ambição pelo poder tomou variadas formas e caminhos, modificando o mundo no decorrer da história, criando novas fronteiras e nações. E dentre os principais atores dessas transformações, a Rússia representa o ator principal. Ao longo de sua história conviveu com transformações e reconstruções, e sempre se manteve como uma das principais ameaças na desconstrução da geopolítica mundial, como uma das regiões mais poderosas e influentes, devido sua localização estratégica para o domínio militar e econômico. Desde o vasto Império Russo, passando pela marcante União das Repúblicas Socialistas e Soviéticas (URSS), até seu colapso e reconstrução, atualmente possui como presidente o temido e ambicioso Vladimir Putin, que busca o fortalecimento do nacionalismo russo, o forte investimento no setor militar e a retomada dos antigos espaços que um dia já pertenceram ao Império Russo ou à União Soviética. Esses novos espaços, chamados de espaços pós-soviéticos, possuem uma história em comum, mas diferem em suas características físicas, políticas, econômicas e culturais, além de serem alvos de interesse geopolítico e econômico pelos países dominantes no cenário mundial, pela sua vulnerabilidade e identificação. Entre os países que almejam a soberania sobre esses novos espaços, a Rússia representa o mais determinado nesse objetivo, procurando recuperar seus territórios perdidos com o colapso soviético, seja pela força militar ou influência política e econômica.

Palavras-chave: Geopolítica; Rússia; URSS; Putin.

ABSTRACT

The current world geopolitical scene was renewed on new contexts and from different perspectives. Between armed conflicts, ideological disputes and cyber-attacks, the lust for power has taken various forms and ways, changing the world throughout history, creating new borders and nations. And among the main actors of these transformations, Russia is the main actor. Throughout its history it coexisted with transformations and reconstructions, and always remained one of the main threats in the deconstruction of the geopolitical world, as one of the most powerful and influential regions because of its strategic location for military and economic dominance. Since the vast Russian Empire, through striking Union of Socialists and Soviet Republics (USSR) until its collapse and reconstruction, currently has as president feared and ambitious Vladimir Putin, who seeks the strengthening of Russian nationalism, strong investment in the military and the resumption of the old spaces that one day once belonged to the Russian Empire or the Soviet Union. These new spaces, called post-Soviet space, have a history in common, but differ in their physical, political, economic and cultural, as well as being targets of geopolitical and economic interest in the dominant countries in the world scenario, the vulnerability and identification. Among the countries that aspire to sovereignty over these new spaces, Russia is the most determined that goal, trying to recover his lost territory with the Soviet collapse, either by military force or political and economic influence.

Keywords: Geopolitics; Russia; URSS; Putin.

SUMÁRIO

1. Introdução	06.
2. História da URSS	07.
2.1. A Revolução de Outubro	07.
2.2. Estruturação do Socialismo Soviético	09.
2.3. Guerra Fria	11.
2.4. Desestruturação do Socialismo Soviético	13.
2.5. A Nova Rússia	15.
3. Os Novos Espaços Geopolíticos	17.
3.1. Países Bálticos	18.
3.2. Cáucaso	20.
3.3. Leste Europeu	22.
3.4. Ásia Central	24.
3.5. Atual Configuração dos Espaços Geopolíticos Pós-URSS	26.
4. Os Conflitos Pós-URSS: O Nacionalismo no Cáucaso e no Leste Europeu	27.
4.1. Chechênia	28.
4.2. Ossétia do Sul e Abecásia	29.
4.3. Nagorno-Karabakh	31.
4.4. Transnístria	33.
4.5. Criméia	34.
5. Uma Nova Guerra Fria: A OTAN e o Báltico	37.
6. Ásia Central: O Ressurgimento Econômico e Militar	40.
7. Conclusão	43.
8. Bibliografia	44.

INTRODUÇÃO

Durante o século XX a Rússia foi responsável por constantes mudanças alternadas em suas fronteiras. Começando pela queda da dinastia Romanov em 1917, perdendo parte de seu território no leste europeu em consequência de acordos feitos pelo novo governo bolchevique, a política expansionista de Stálin após revelar ao mundo seu poderoso Exército Vermelho, o colapso soviético decorrente da Perestroika de Gorbachev, até os dias atuais do poderoso e não menos importante Vladimir Putin.

Com a anexação da Criméia em 2014, o atual presidente russo fez valer sua vontade no apoio ao seu povo que vive na agora antiga península ucraniana, sem demonstrar nenhuma preocupação com as vontades da OTAN (Organização do Tratado do Atlântico Norte) ou da União Europeia, independente da opinião adversa de outras grandes nações, como os Estados Unidos.

O objetivo deste trabalho é estudar as estratégias de Putin para esses espaços ao entorno de seu país, que possuem uma história soviética em comum ainda muito recente para não se tornar vulnerável às ambições geopolíticas de seu vizinho mais poderoso militar e economicamente.

Utilizando uma revisão de literatura sobre o atual contexto político das antigas repúblicas da União Soviética, direta ou indiretamente, buscarei a compreensão de semelhanças e diferenças entre elas, que poderão ser vistas como vulnerabilidade ou estabilidade de determinada nação, que não fogem aos olhos de Moscou.

A história servirá de caminho à compreensão de muitos conflitos nessa região de estudo, assim como dados estatísticos e levantamentos de informações, seguidos pela crítica e interpretação dos resultados.

Pretende-se, portanto, analisar as atuais estratégias geopolíticas de Putin no governo da Rússia, com um foco regional aos países que antigamente compunham o território soviético.

HISTÓRIA DA URSS

No dia 25 de dezembro de 1991 a famosa bandeira vermelha comunista com a foice e o martelo – simbolizando o trabalho agrícola e industrial, respectivamente – é substituída pela bandeira tricolor russa, era o fim da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS).

Leningrado volta a se chamar São Petersburgo, o capitalismo está livre do espectro socialista e Moscou convive com o já conhecido presidente russo Boris Iéltsin, com a novidade de ter em suas mãos o temido arsenal nuclear herdado da União Soviética, juntamente com outras responsabilidades.

Aos bolcheviques – integrantes do partido operário fundado por Lênin – permanece o sentimento nacionalista dos tempos soviéticos em que bipolarizavam o mundo com os Estados Unidos. O aniversário centenário da Revolução de Outubro será celebrado em 2017 não apenas com nostalgia, mas com a gratidão pela conquista de uns poucos direitos que antes não detinham os menos abastados pela má sorte de não nascer em um berço real, como o da família Romanov que governava o Império Russo.

A Revolução de Outubro

Nos tempos que antecederam a Primeira Guerra Mundial os antigos impérios não se sentiam ameaçados em perder o trono, incluindo o Império Russo. Czar Nicolau II participava de inúmeras cerimônias pelo mundo e pouco o atingia as impotentes revoltas, que logo eram silenciadas. Porém a Grande Guerra revelou a realidade das trincheiras e cessou com as cerimônias imperiais pelos gritos dos soldados mortos em combate, o povo não queria a guerra. (LOSURDO, 1997)

E foi exatamente dentro desse contexto completamente desordenado que se levantaram os bolcheviques, com a promessa primordial de na chegada ao poder estabelecer a paz, trazendo de volta seus combatentes e instalando um novo regime político, sob a ideologia socialista.

Coube a Vladimir Lênin, primeiro líder e secretário-geral do Partido Comunista, entrar em acordo com os países envolvidos na guerra para definir a saída da Rússia em busca da paz prometida.

O conflito que era esperado com uma rápida resolução já havia se estendido por três anos causando inúmeras baixas e uma crise financeira em toda Europa, mas mesmo assim a saída de um forte exército poderia representar uma derrota inevitável aos Aliados – com base na Tríplice Entente: Reino Unido, França e o Império Russo –, que claramente não se agradaram com o desejo de armistício russo. Impedido de sair de combate em acordo com seus aliados, Lênin resolveu acordar então com os inimigos, os chamados Impérios Centrais – com base na Tríplice Aliança: Império Alemão, Império Austro-Húngaro e Império Otomano –, que logicamente viam a saída russa como uma vitória e ainda tiveram o poder de barganhar uma grande parte do território russo.

(ALBUQUERQUE, 2015)

O tratado foi assinado na cidade de Brest-Litovski – atual Brest, Bielorrússia – e ficou conhecido como Paz de Brest. O acordo reconhecia a saída unilateral do exército russo da Primeira Guerra Mundial. Em troca da paz concedida os termos do tratado declaram que o novo líder Vladimir Lênin abria mão do controle sobre uma extensa parte do território no leste europeu. (ALBUQUERQUE, 2015)

Foi um alto preço pago pelo acordo, a União das Repúblicas Socialistas e Soviéticas mal começou sua existência e já abria mão da Polônia, Finlândia, dos países bálticos (Estônia, Letônia e Lituânia), além da Bielo-Rússia e Ucrânia. Entregues ao controle dos Impérios Centrais, não demoraram nesta condição com a vitória dos Aliados na guerra, e cada um obteve sua independência – Bielo-Rússia e Ucrânia decidiram por reincorporar a URSS –.

Ao novo governo bolchevique, vencedor na guerra civil e absoluto no poder, restava iniciar sua história sem uma parte importante do território, que apesar de tê-lo perdido pelas boas intenções de paz, foi lamentado por muitos que se diziam humilhados, inclusive a Igreja Ortodoxa, agora a principal força de oposição ao governo dentro do próprio território soviético. (MILHAZES, 2012)

Estruturação do Socialismo Soviético

Embora tenham recuperado a maior parte do território concedido ao longo do tempo, a Igreja Ortodoxa, antiga aliada do extinto Império Russo, não poupava críticas ao novo sistema político e se tornou um alvo constante do Partido Comunista. Lênin, inspirado em Karl Marx, acreditava que “a religião é o ópio do povo” (MARX, 2014), e por assim ser, deveria ser suprimida.

E assim o fez, começando com uma reforma na educação, tornando o ensino absolutamente laico, dando as bases do conhecimento que deveria sustentar a ideologia socialista por gerações adiante. Segundo Bittar (2011) “a obrigatoriedade da escola em um país com índice de analfabetismo entre 90 e 95%, foi uma conquista ligada diretamente à atuação de Lênin”.

O primeiro líder da União Soviética não se bastou em apenas instaurar o socialismo através da Revolução, mas se preocupava em ensiná-lo à população desde criança, o objetivo era unir a grande diversidade de etnias encontradas no extenso território, agora com um ideal em comum, ligando-as à mesma identidade soviética. E não foi nenhuma surpresa que a antiga burguesia e autoridades do extinto império perderam espaço, principalmente a Igreja Ortodoxa.

No período pós-guerra civil a URSS enfrentava um difícil momento de fome, gerada por vários fatores somados: um deles é a crise econômica consequente da própria guerra, tanto a mundial como a civil; outro fator essencial foi a substituição dos latifúndios por pequenas propriedades divididas, que resultaram em uma completa desorganização na produção, transporte e distribuição dos alimentos. (MILHAZES, 2012)

Diante dessa situação a Igreja iniciou uma campanha contra a fome na arrecadação de alimentos através de doações, que o governo logo julgou como desnecessária. E após repassar o caso, resolveu propor uma solução, que a própria Igreja doasse todos os seus objetos valiosos que não eram utilizados nos cultos para a causa dos famintos. A solução proposta foi considerada uma profanação, mas mesmo assim os governantes seguiram com a ideia e não foram poucos os templos derrubados ou tomados para a ocupação de outros fins. (MILHAZES, 2012)

E se o primeiro líder da União Soviética perseguia a Igreja Ortodoxa com intenção de suprimi-la, seu sucessor detinha uma ambição muito mais agressiva. Josef Stalin, que assumiu o poder logo após a morte de Lênin em 1924, reprimia fortemente qualquer movimentação contrarrevolucionária que chegava ao seu conhecimento, se tornou um ditador temido e extremamente ambicioso.

Seu principal opositor dentro do próprio Partido Comunista foi Leon Trótski, que queria a propagação da revolução socialista pelo mundo, enquanto Stalin se preocupava somente com a consolidação e hegemonia da União Soviética.

No âmbito econômico, ampliou o investimento na indústria de base, não queria depender de nenhum outro país para qualquer necessidade, principalmente por se tratar de um mercado fechado ao comércio exterior, limitando-se no máximo aos países parceiros com os quais havia semelhança ou admiração.

Também não abria mão da modernização, para Stalin o socialismo não perdia em nada ao capitalismo, nem mesmo na evolução científica. Queria deixar isso bem claro ao mundo com uma massiva propaganda, não somente do governo como de si próprio, erguendo estátuas e cartazes por todo país.

Seu auge aconteceu na Segunda Guerra Mundial após ter sido traído pelo Império Alemão com o desrespeito do Pacto Molotov-Ribbentrop – entre outros termos, tratava da paz entre os países –, onde viu seu território ser ocupado de uma maneira assustadora pelo Blitzkrieg (guerra relâmpago) nazista. Porém, na cidade que levava seu nome foi reservada uma das batalhas mais sangrentas da história, com cerca de dois milhões de baixas. (VASCONCELOS, 2012)

A Batalha de Stalingrado foi uma dura derrota do Império Alemão, Adolf Hitler viu seu exército ser massacrado pelo exército soviético em pleno inverno russo, sofrendo uma contraofensiva que terminou na invasão de Berlin. Stalin foi aclamado por quase todo o mundo, sua vitória em Stalingrado lhe trouxe fama de herói e o Exército Vermelho da URSS se tornou um dos mais temidos, elevando o país ao ápice de seu poder e nacionalismo. Entretanto, a Segunda Guerra Mundial reservava uma surpresa ainda mais assustadora. (VASCONCELOS, 2012)

Guerra Fria

Mesmo após a derrota de seu principal aliado, o Japão recusava se render. Já havia demonstrado muita resistência e poder nas batalhas do Pacífico, sobretudo no ataque à base naval norte-americana de Pearl Harbor, mas não poderia imaginar o inferno que estava por vir.

Para por fim de uma vez na guerra os Estados Unidos lançaram sobre Hiroshima a primeira bomba nuclear da história, dias depois repetiu o ataque na cidade de Nagasaki. O resultado foi devastador, milhares de soldados e principalmente civis morreram num piscar de olhos, outros tantos tempos depois pelos efeitos da radiação, além de inúmeros feridos. Um armamento em especial se sobressaiu e intimidou mais que qualquer exército. (XAVIER, 2010)

Para Stalin estava claro quem era seu único adversário capaz de dominar o mundo e fazer frente ao Exército Vermelho, e não era nenhum aliado ou semelhante, o capitalismo norte-americano e sua política democrática representava o antagonismo soviético.

Foi o início da Guerra Fria, não era como as outras guerras com os combates e os milhares de mortos que já haviam se acostumado, mas uma luta pela hegemonia. Um dos focos era o investimento armamentista, que definiria qual exército seria o mais temido e ostentaria arsenais nucleares, além de aviões, navios e tanques da mais nova tecnologia. Mas não se tratava apenas disso. (XAVIER, 2010)

A luta principal foi entre ideologias, o capitalismo contra o socialismo, qual deles representava o melhor sistema para os demais países seguirem seu exemplo em todas as áreas, desde a economia até nos esportes.

O prédio mais alto e as construções de engenharia mais exageradas; o maior número de medalhas nas Olimpíadas; o primeiro astronauta a por os pés na Lua, acompanhado pela evolução tecnológica de seu país; as novas descobertas e pesquisas científicas em áreas de difícil acesso (como as expedições ao Polo Norte); tudo era contabilizado e exaltado.

Ambos não pouparam investimentos pesados em todos os setores, sobretudo na propagando massiva do sucesso de qualquer atividade, seja ela real ou enganosa, exagerada ou não. (XAVIER, 2010)

Durante o percurso da Guerra Fria, os dois países foram juntando aliados e admiradores ao redor do mundo, dentre os mais destacados convém citar a China comandada pelo vitorioso da guerra civil chinesa que durou quase vinte e cinco anos, Mao Tse Tung. O novo líder chinês rompeu a aliança antiga com os Estados Unidos e logo declarou apoio e parceria com a União Soviética, unidas pela ideologia marxista e defesa do proletariado de todas as nações. (XAVIER, 2010)

Nesses tempos de disputa hegemônica com os norte americanos o socialismo soviético vivia seu auge econômico e nacionalista, mas a morte de Stalin em 1953 representava o fim de um modelo político que seus sucessores não conseguiram reproduzir, para o bem ou para o mal.

A economia planificada stalinista foi eficaz na superação do subdesenvolvimento, mas não sustentou um crescimento do tipo intensivo. Não foram poucas as reformas pontuais que experimentaram os mandatos posteriores, porém não conseguiram sucesso. Paralelamente ao declínio produtivo, os investimentos armamentistas foram se tornando um gasto excessivo diante da inevitável derrota pelo capitalismo na Guerra Fria. (GOMES, 2015)

Uma crise econômica acometeu aos soviéticos enquanto o capitalismo se fortalecia de maneira extremamente flexível. O socialismo ortodoxo que Lênin usou para fundar seu império já parecia não se encaixar no contexto atual, que exigia alguma atitude urgente diante da precária situação.

Os Estados Unidos viram seu adversário em queda livre e iniciaram uma feroz propaganda anticomunista, enaltecendo o capitalismo e seus valores de liberdade e democracia. Restou aos soviéticos o sentimento de derrota e frustração, assistindo aos seguidos líderes que assumiam o poder mas nada mudavam a situação ou nem tempo tiveram para isso, como na morte de Andropov em 1984, com menos de dois anos de mandato. (ALBUQUERQUE, 2015)

Desestruturação do Socialismo Soviético

No ano de 1985 a URSS apresentou seu novo líder Mikhail Gorbachev, que não pretendia se acomodar e simplesmente prosseguir com aquilo que já estava sendo feito desde o início, mas buscava ansiosamente realizar uma revolução no sistema político soviético, que o via como atrasado e ineficaz. (ALBUQUERQUE, 2015)

Gorbachev acreditava que as mudanças não param de ocorrer conforme o tempo, e assim como o capitalismo se atualizava, o socialismo também deveria se atualizar. Mas apesar dessa posição não tinha como objetivo o fim do sistema socialista, mas sua reforma, que por si só quebraria muitas regras da ortodoxia marxista.

Utilizando conceitos parecidos aos encontrados na chamada social democracia, planejou uma reforma democrática que mexeria com todas as diretrizes soviéticas, com a qual denominou Perestroika. Dentre as primeiras mudanças, quebraria a burocracia exigida pela centralização econômica da produção, oferecendo maior autonomia às empresas, organizações e até mesmo às Repúblicas da URSS. Segundo sua ideia, a autonomia exigiria uma maior preocupação e planejamento para se dedicarem em conseguir melhores produtos e resultados finais. (ALBUQUERQUE, 2015)

No aspecto político também enxergava uma necessidade de mudança em relação aos direitos de liberdade e democracia, cessando qualquer repressão política aos contrarrevolucionários, que eram muito comuns nos tempos de Lênin e Stalin. Para essa finalidade desenvolveu um conceito que denominou Glasnost, com a intenção final de dar maior transparência ao seu governo. (ALBUQUERQUE, 2015)

Dentro desse conceito, deu maior liberdade de expressão ao povo e à imprensa, liberdade religiosa – incluindo à Igreja Ortodoxa – e até mesmo partidária, que terminou por voltar contra si no chamado Golpe de Agosto em que quase o tirou do cargo antecipadamente.

A tentativa de golpe se deu com o próprio vice-presidente, o primeiro ministro e o ministro da defesa, que anunciaram a constituição de um Comitê de Emergência em virtude de uma suposta doença que acometeu Gorbachev, o impossibilitando de governar. Censuraram todos os meios de comunicação e colocaram duas divisões de

tanques de guerra no centro de Moscou. No entanto, as lideranças das repúblicas não apoiaram o golpe, e na mesma noite o presidente da república russa Boris Iéltsin assumiu a resistência com sucesso, impedindo a queda de Gorbachev pela substituição de uma provável volta da ditadura em meio a já esperada segregação. (RODRIGUES, 2006)

Com uma autonomia e liberdade nunca antes recebida, as repúblicas integrantes da URSS foram seguindo seu próprio caminho de independência, dispensando até mesmo a proteção do poderoso Exército Vermelho.

Pouco a pouco a URSS foi se segregando com as assinaturas de cada uma das repúblicas na recém-criada Comunidade dos Estados Independentes (CEI), que atua de maneira semelhante à União Européia, ou seja, é conferida uma autoridade limitada sobre a esfera econômica e política, mas todos atuam separadamente como países independentes. No dia vinte e um de dezembro de 1991, os presidentes das repúblicas reunidos na cidade de Alma-Ata, Casaquistão, formalizaram a fundação da CEI, o que representava o fim da União Soviética. (RODRIGUES, 2006)

Alguns dias depois, no Natal de 1991 – que por muito tempo não era celebrado entre os cristãos russos –, pouco antes de a bandeira comunista ser retirada do Kremlin, Mikhail Gorbachev anunciou pela televisão sua renúncia como último presidente da experiência socialista mais impactante da história, que durou 74 anos de muitas polêmicas criando adeptos e críticos à sua ideologia ao redor do mundo.

Em seu discurso lamentou a desagregação da União Soviética e mostrou sua completa desconfiança com a recém-criada Comunidade dos Estados Independentes, revelando que sua intenção ao formular a Perestroika não era a extinção da URSS, mas apenas oferecer maior liberdade e democracia à população, além de adequar a economia ao sistema de mercado global, procurando assim sair da grave crise econômica que viviam. (ALBUQUERQUE, 2015)

Entre os países capitalistas e defensores da democracia, Gorbachev representava um herói. Mas essa completa contrariedade que praticou em relação aos seus antecessores e às bases socialistas, fez a China – um dos principais parceiros políticos – declará-lo responsável pelo colapso da URSS, além de darem às palavras Perestroika e Glasnost uma nova tradução: caos econômico e político. (MIKHAILOVA, 2013)

A Nova Rússia

Essa análise chinesa acaba ilustrando muito bem o resultado das reformas introduzidas em 1985: a economia não se recuperou e o país continuou em crise, a autonomia dada às repúblicas terminou na segregação de cada uma delas da URSS e a liberdade democrática iniciou um multipartidarismo seguido de revoltas e protestos.

O território da Rússia – embora ainda figure como o maior do mundo – já não possui a mesma extensão da era soviética e tampouco dos tempos imperiais, e como era de se supor, perdeu uma série de fatores físicos como: portos e acessos a algumas importantes saídas de rotas marítimas; regiões de riquezas naturais, minerais, energéticas e favoráveis à agricultura; fronteiras com outros países importantes na troca comercial; além de uma gama de infraestruturas e instalações industriais.

Boris Iéltsin assume a presidência da Rússia pós-URSS com muito poder em mãos, principalmente no que se refere ao armamento militar, embora aquele temido exército vermelho já não exista.

Entretanto, encontra uma grave crise econômica, a soberania nacional está fragilizada, e todas as leis do país precisam ser revistas, além de um novo sistema executivo reformulado.

O mais relevante, contudo, não pode ser quantificado nem superado com facilidade, são os diferentes povos que compunham a União Soviética. Juntamente com a segregação das repúblicas da URSS esses povos também foram separados, mas nem sempre de acordo com suas etnias, culturas, ideologias e origens. Quase que aleatoriamente, foram colocados em países que não condizem com seus sentimentos de nacionalismo, não os representam.

A única identidade capaz de unir os diversos povos desta vasta região é a soviética, mas já não existe. Seu fim representou um começar do zero para todas as Repúblicas que a compunham, para elas foi necessário redefinir seu próprio poder legislativo, judiciário e executivo, estabelecer seus planos políticos e bases ideológicas, conquistar sua soberania e garantir suas fronteiras. (TOMÉ, 2007)

Não necessitam mais passar por alguns sacrifícios em nome da Revolução, como as políticas de austeridade, frequentes nos tempos de crise ao Partido Comunista. Contudo, também não podem mais contar com muitas riquezas minerais, infraestruturas, vias de transportes e inúmeras características que não encontram em seu território.

Para a economia desses países que acabam de adentrar no capitalismo, a primeira impressão foi no mínimo preocupante. Inexperientes ao novo sistema, acostumados com diversos fatores que possuíam em uma União Soviética de dimensão continental, restou a insegurança.

Seus povos, realocados em fronteiras antes inexistentes, desapontados com o fim de uma história, perdidos em uma nova realidade e completamente inseguros com o futuro, se deparam em uma crise de identidade. (TOMÉ, 2007)

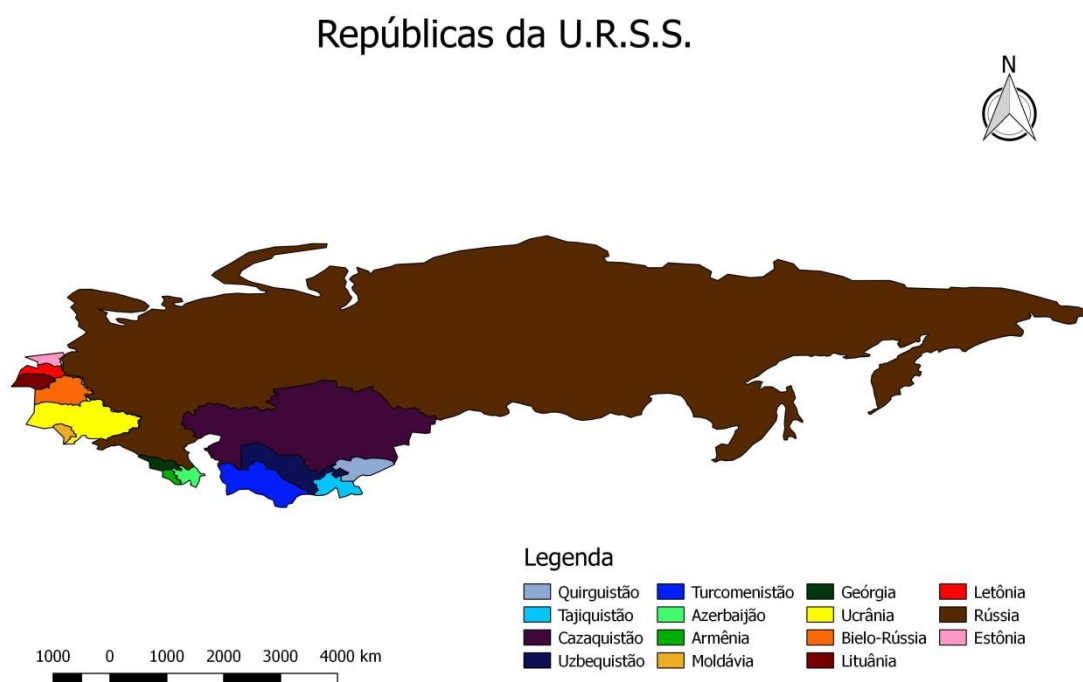
E apesar da liberdade gerada pela Glasnost de Gorbachev e dos ideais democráticos de Boris Iéltsin, um novo conflito interno surgiu. A luta agora não é mais direcionada aos contrarrevolucionários, mas aos movimentos separatistas.

O cotidiano atual desses países convive com os constantes conflitos étnicos e movimentos nacionalistas. E o pior de tudo é que não demonstram nenhuma chance de armistício, à medida que se recriam os conflitos a cada dia.

Embora tenham passados mais de duas décadas desde o fim da era soviética socialista, as consequências de seu colapso permanecem vivas, provocando os mais variados sentimentos nos diversos povos que a compunham.

OS NOVOS ESPAÇOS GEOPOLÍTICOS

O colapso da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas resultou em 15 novas fronteiras políticas, tornando independentes as Repúblicas que antes formavam uma só nação e bipolarizavam o poder mundial com os Estados Unidos.



Para a herdeira soviética e ainda poderosa Rússia, embora fragilizada, restou iniciar um novo caminho. Boris Iéltsin planejou esse caminho sem a menor intenção de reconstruir o antigo império, causando alguma negligência com os novos países que viviam extrema instabilidade. (ADAM, 2011)

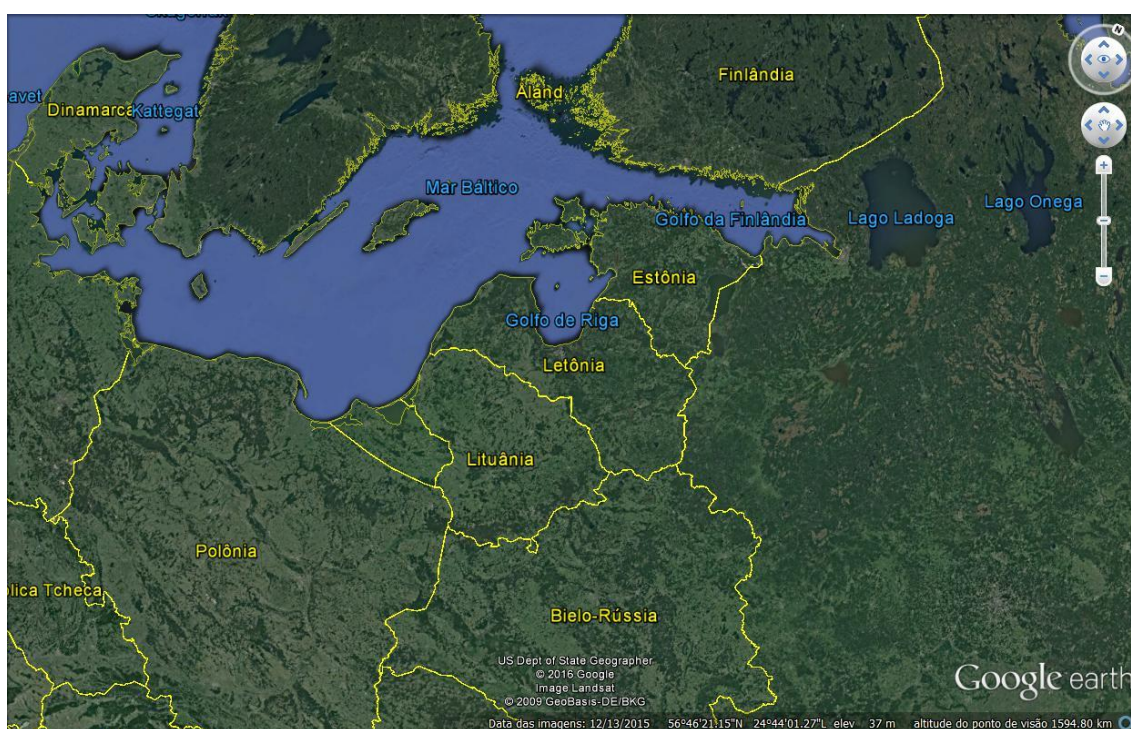
Apesar de seu passado recente em comum, esses novos países foram criando laços com seus semelhantes e formando algumas regiões distintas importantes na esfera geopolítica regional e mundial, revelando importantes espaços geopolíticos criados pelo fim da União Soviética.

Países Bálticos

Dentre todos os países que pertenceram à URSS, os chamados Países Bálticos foram os que viveram menos tempo sob o comando do Partido Comunista. Ganhando sua independência através da Paz de Brest – seguido pelo fim da Primeira Guerra Mundial com a derrota do Império Alemão – teve um difícil percurso até alcançar a liberdade desejada.

Em seu caminho viu seu território ser ocupado pelas forças nazistas e, logo em seguida, reconquistado pelo Exército Vermelho para se juntar às Repúblicas Soviéticas e voltarem ao comando de Moscou. Não por acaso, foram os únicos a rejeitarem de imediato o acordo de integrarem a Comunidade dos Estados Independentes (CEI), buscando sempre alguma aliança com os países ocidentais, em especial os Estados Unidos.

Fazem parte dessa região a Estônia, Letônia e Lituânia. Está localizada no nordeste europeu, banhada pelo Mar Báltico e faz fronteira com Rússia, Bielo-Rússia e Polônia.



Fonte: Google Earth, acesso em 20/09/2016.

Apesar da proximidade com a Rússia e Europa, sua segurança está completamente dependente dos Estados Unidos, que se faz presente na região através da OTAN (Organização do Tratado do Atlântico Norte).

Essa organização foi criada em 1949 com a intenção de garantir a segurança de seus membros de possíveis conflitos, seja de maneira pacífica ou através da força militar. Associando a segurança da maioria dos membros europeus aos Estados Unidos, pode-se dizer que se trata de uma estratégia norte-americana de expandir seu poder e influência pelo mundo. (CANÊDO, 2006)

Na realidade, a ação temerária se devia ao crescimento da União Soviética e seu poderoso exército, sobretudo após o sucesso na Segunda Guerra. Porém, com o fim da URSS em 1991, a OTAN parecia não fazer mais sentido. Os recentes países emergidos do colapso soviético enfrentaram diversos conflitos étnicos, instabilidade política e insegurança econômica, ao mesmo tempo em que Boris Iéltsin procurava resolver apenas seus problemas internos.

Segundo Geiger (2014), “a existência de identidades nacionais contribui para a definição das políticas externas das ex-repúblicas soviéticas”. Nesse contexto, os Países Bálticos são os que detêm menor identificação com a URSS, especialmente pelo fato de ter experimentado cerca de 20 anos de independência, antes de ser ocupado por forças militares em 1940.

Direcionando sua política externa ao ocidente, os três países bálticos se distanciaram de vez da influência russa e rapidamente viraram alvos de uma estratégia geopolítica da OTAN para a região.

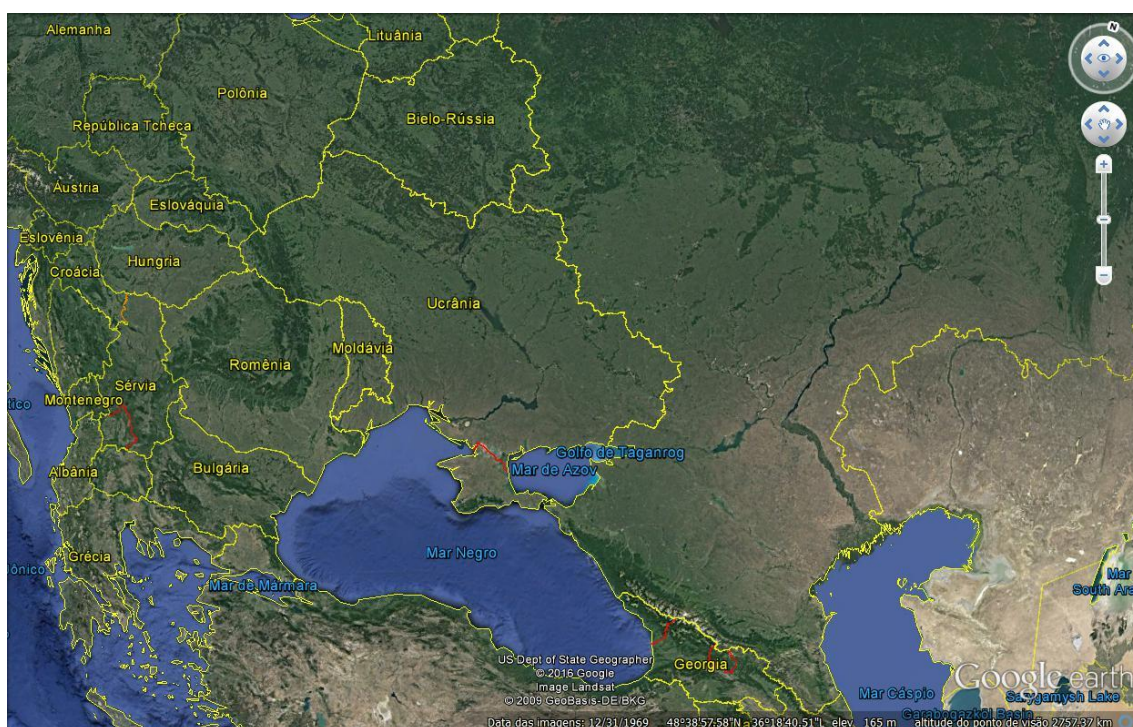
Contudo, a Rússia não desviou sua atenção da região, sobretudo do Mar Báltico, uma importante rota marítima que liga o país ao norte europeu através de um de seus portos mais importantes na cidade de São Petersburgo. Segunda maior cidade russa, era a capital do antigo Império Russo, passou a se chamar Leningrado nos tempos de União Soviética, mas voltou ao seu nome de origem em 1992.

Por receber forte pressão da Rússia, que possui um importante porto na entrada do Mar Báltico, e ter sua política externa caminhando em direção aos Estados Unidos, se tornou uma região muito disputada entre as duas grandes potências.

Leste Europeu

A Ucrânia e a Bielo-Rússia também fizeram parte do tratado denominado Paz de Brest, mas ao contrário dos países do Báltico, resolveram retornar aos domínios da União Soviética após a derrota dos Impérios Centrais na Primeira Guerra.

Junto com a Moldávia, Ucrânia e Bielo-Rússia se assemelham pela localização no leste da Europa, fazendo fronteira com os europeus Polónia, Eslováquia, Hungria e Romênia, além da Rússia, do Báltico e das importantes águas do Mar Negro.



Fonte: Google Earth, acesso em 20/09/2016.

Com uma identidade muito forte com o passado soviético, os três países mantêm um relacionamento intenso com a Rússia, da qual sofrem influência direta, sobretudo na economia.

Porém, o grande trunfo russo ao exercício de poder na região envolve o nacionalismo implantado desde os tempos socialistas, e em alguns casos até mesmo remete ao Império dos Czares de séculos passados, como na Bielo-Rússia.

Para esses povos da chamada Rússia Branca o relacionamento com a Rússia sempre foi amigável. Habitados com a mesma cultura e o idioma russo, sempre sofreu grande influência desde os tempos imperiais, fortalecendo uma relação que vai da área econômica até militar.

Segundo Mielniczuk (2009) “a Belarus é certamente o (país) que possui menos características que possam ser empregadas para definir uma identidade nacional própria”. O país ainda mantém inúmeras estátuas do primeiro líder soviético Vladimir Lênin, entre outras referências aos tempos da URSS.

O mesmo não acontece com a pequena Moldávia. A maior parte de seu território pertenceu à Romênia e só foi anexada à União Soviética em 1940, com o Pacto Molotov-Ribbentrop, o que faz a maioria da população moldava ser de origem romena, com exceção da área entre o rio Dniestre e a Ucrânia. Essa região, conhecida como Transnístria, é ocupada por minoria russa e ucraniana, e assim que se deu a independência do país, logo requisitaram sua autonomia, com direito a moeda e governo próprio. (TOMÉ, 2007)

Esse tipo de conflito não se limitou apenas na Moldávia, minorias russas são frequentemente encontradas em algumas regiões de países que pertenceram à URSS, exigindo sua autonomia ou até mesmo uma reintegração à Rússia, como aconteceu com a região do sul da Ucrânia, denominada Criméia.

No final de 2013 o governo ucraniano rejeitou um acordo com a União Europeia, dificultando ainda mais uma possível entrada no bloco europeu. Essa posição gerou uma tremenda insatisfação de parte da população que desejava uma aproximação com o ocidente, iniciando uma série de manifestações que culminaram com a deposição do presidente Viktor Yanukovich.

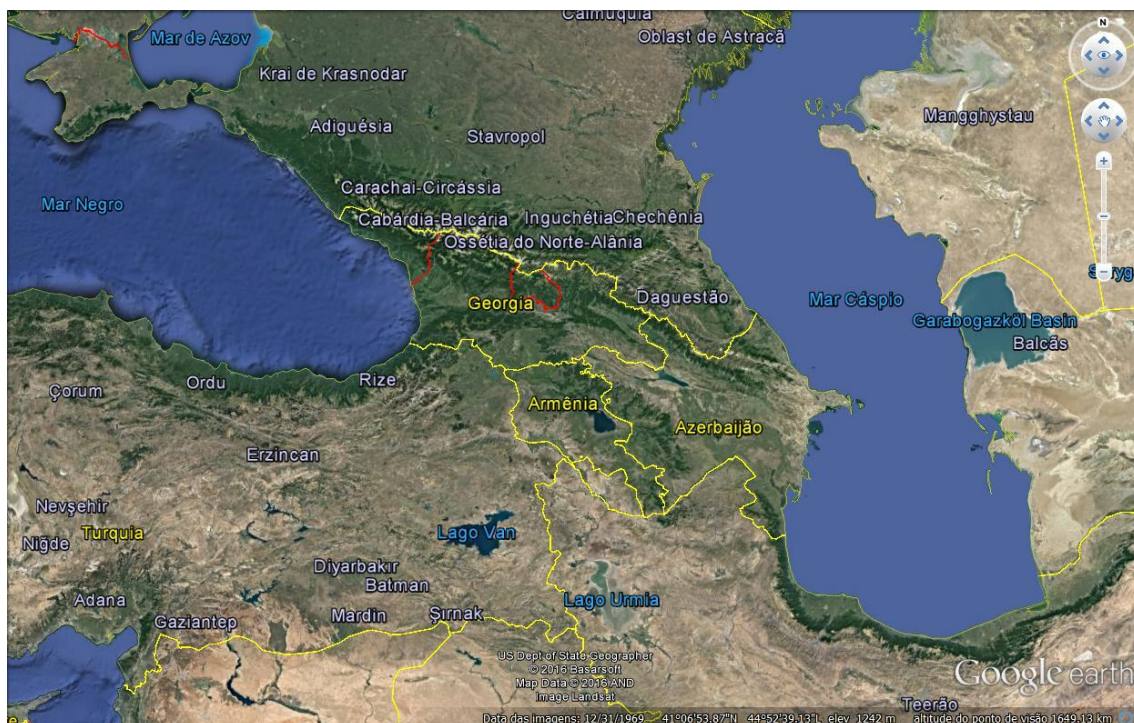
A queda do presidente causou um levante de uma grande “minorias” russa que se concentra principalmente na região da Criméia – localizada nas margens do Mar Negro –, área estratégica que abriga uma frota militar russa. Depois de intensos conflitos, convocaram um referendo local para proclamação da independência e subsequente incorporação à Rússia, que resultou num total de 97% de aprovação à separação. Com a proteção russa, a Criméia foi anexada ao seu território. (SLOBODA, 2014)

Cáucaso

Mas de todos os novos espaços geopolíticos surgidos com o fim da União Soviética, aquele que mais preocupou o mundo pela quantidade de conflitos, resultando em uma total instabilidade da região, foi o Cáucaso.

Localizado entre o Mar Negro e o Mar Cáspio, se tornou uma região econômica muito importante por estar no caminho de relações comerciais entre Ásia e Europa, além de Oriente Médio e Rússia. Não por acaso se tornou alvo de muitas disputas e um lugar estratégico no contexto geopolítico, procurando alguma convivência pacífica em meio a diversas nacionalidades convergentes.

Muitos autores estudam o Cáucaso incluindo algumas regiões da Rússia à região – Chechênia, Ossétia do Norte, Daguestão e Inguchétia –, que ficam ao norte dos países Geórgia, Azerbaijão e Armênia. Esses três países, no entanto, formam a chamada Transcaucásia.



Fonte: Google Earth, acesso em 24/09/2016.

Apenas na Geórgia existem duas regiões autônomas, que com o apoio de tropas russas conseguiram sua resistência e mantiveram a desejada independência, embora ainda não sejam reconhecidas como novos países. Trata-se da Abecásia e da Ossétia do Sul.

Ambas declararam sua independência logo depois do fim da URSS, iniciando uma guerra com os georgianos. O cessar fogo na Abecásia se deu em 1994 em um comum acordo de uma menor parte da região ser controlada pela Geórgia, enquanto a outra parte, maior, permanece autônoma. Porém, perto dali o conflito na Ossétia do Sul ficou um tempo “congelado” até ressurgir em 2008, com o governo georgiano tentando ocupar o território. O apoio russo fez valer a vitória dos ossetas, mas não completou sua total vontade de se juntar novamente ao seu comum vizinho russo – Ossétia do Norte –, se tornando parte do território da Rússia. (SERRA, 2010)

Outra região autônoma existente no Cáucaso envolve a Armênia e o Azerbaijão. Dentro do território azeri se encontra Nagorno-Karabakh, região de maioria da população constituída por armênios, que declararam sua independência também após o colapso soviético. (Xavier, 2015)

Toda a região possui um alto valor econômico pelo transporte de recursos energéticos, com seus oleodutos e gasodutos, ligando os mares Cáspio e Negro – Ásia e Europa –, além estar no meio de trocas econômicas entre Turquia, Irã e Rússia. Os três países são os responsáveis pelo domínio da região, com seu ator principal sendo a mais poderosa Rússia.

A Turquia, no entanto, convive com um fator histórico que o acompanha negativamente e não deve ser esquecido tão facilmente. Segundo Serra (2010) o principal problema da Turquia na região é com a Armênia, pela “delicada questão de 1915, quando atrocidades foram cometidas contra os armênios pelo Império Otomano”. Para a população, o genocídio cometido aos seus ancestrais ainda ecoa contra seu novo vizinho, mesmo após a queda do império.

Trata-se de uma região completamente instável, com a possibilidade de ressurgirem seus conflitos nas inúmeras áreas de vulnerabilidade, através de diversas etnias, sob os mais variados contextos. Sua segurança na antiga URSS era realizada pelo Partido Comunista, hoje faz parte de um jogo geopolítico em meio a grande diversidade de identidades.

Ásia Central

A região da Ásia Central mantém uma cultura oriental típica para cada um de seus cinco países que a formam, são eles: Turcomenistão, Quirguistão, Tadjiquistão, Cazaquistão e Uzbequistão.

Diferente das outras regiões dos países pós-soviéticos, com uma maioria de Cristãos Ortodoxos, a Ásia Central possui uma população de maioria Islâmica, além de outras tradições opostas ao costume ocidental.

Não representam muita resistência à Rússia devido à dependência econômica que possuem, como também da proteção militar. Em troca, oferecem sua principal característica econômica, os recursos energéticos, abastecendo importantes países da região, como a China e a Índia.



Fonte: Google Earth, acesso em 26/09/2016.

Apesar do interesse dos Estados Unidos, através da OTAN, no contexto ao entorno da Rússia, a Ásia Central se mantém com relações regionais, envolto por países com massivo poder militar.

A região faz parte do fornecimento de energia da Rússia aos seus grandes aliados Índia e China, que por sinal, são os países que mais crescem economicamente e militarmente no mundo. Soma-se o fato de serem também os países mais populosos do mundo, representando uma grande demanda energética durante muito tempo. (COSTA JÚNIOR, 2014)

Na realidade, a retomada econômica e militar russa se deu graças a essa aliança formada com os países da Ásia Central na chegada do presidente Valdimir Putin ao poder, saindo de vez da grave crise econômica e nacionalista, resultado da Perestroika e Glasnost de Gorbachev.

Segundo Chagas (2014), “Para Putin, os recursos naturais russos não somente assegurarão o desenvolvimento econômico do país, como também garantirão posição de destaque para Rússia no cenário internacional”.

Essa posição de destaque influencia suas estratégias geopolíticas. Com o monopólio do transporte de gás e petróleo sobre os países pós-soviéticos, Putin assegura o poder regional através dos recursos naturais.

Dentro desse contexto, os cinco países da Ásia Central, que possuem grandes reservas de petróleo e gás natural, dependem dos oleodutos e gasodutos russos para exportarem suas commodities.

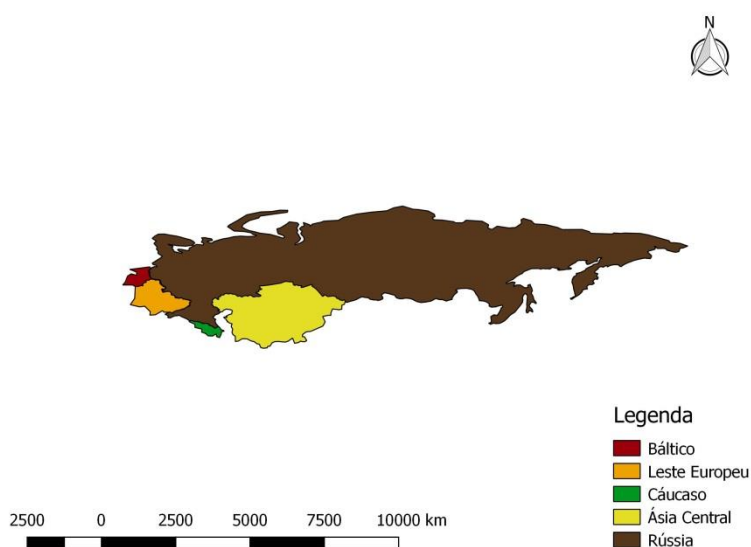
O controle do Mar Cáspio, portanto, é fundamental aos interesses russos por se tratar de uma rota de exportação desses recursos para a Europa, sem a necessidade de passar pela Rússia.

Seu acesso do Cáspio ao Cáucaso, do Cáucaso ao mar Negro, do mar Negro ao Leste Europeu, estabelece importantes domínios do governo russo para assegurar seu poder na região que antigamente compunham a URSS.

Atual Configuração dos Espaços Geopolíticos Pós-URSS

Os quinze países que antigamente pertenciam a União das Repúblicas Socialistas e Soviéticas formam hoje, portanto, novos espaços estratégicos para a geopolítica regional e mundial.

Novos Espaços Geopolíticos



Seja por localização física, semelhança ideológica, ou importância econômica, todos ainda representam uma grande preocupação ao governo russo no Kremlin, que mesmo após a segregação, procura retomar sua influência regional.

Para tanto, usufrui das minorias russas espalhadas pelos países da região e sua identificação nacionalista, seu maior poder econômico sobre novas economias atrasadas e ainda dependentes de Moscou, mas principalmente de sua capacidade militar, herdada da gigante indústria bélica soviética e seu poderoso arsenal nuclear.

OS CONFLITOS PÓS-URSS:

O Nacionalismo no Cáucaso e no Leste Europeu

O poder e influência da Rússia sobre os novos espaços geopolíticos são exercidos muito em função das heranças deixadas pelo governo soviético. Durante quase todo século XX, criou-se uma identificação da população com a ideologia socialista iniciada por Vladimir Lênin.

Não por acaso, mesmo em muitos países que garantiram sua independência com o colapso da URSS, ainda podem ser encontradas estátuas e outras homenagens ao primeiro líder do Partido Comunista. Em Moscou, o corpo de Lênin está embalsamado na Praça Vermelha e demandou uma quantia de “13 milhões de rublos (cerca de R\$690 mil) para a conservação da múmia de Vladimir Lênin” no ano de 2016, segundo a rede BBC (2016).

Uma aversão ao ocidente ainda existe, como um eterno rival de uma Guerra Fria que para muitos não terminou. A soberania russa está sendo resgatada com o presidente Vladimir Putin e a razão de uma grave crise vivida e superada tem nome, chama-se Mikhail Gorbachev.

Embora tenha o apoio de muitos, dentro do próprio território russo, Gorbachev é reverenciado em especial nos países do Báltico, Ucrânia, Geórgia e outras partes que se sentiram aliviadas com a independência alcançada por sua causa. (MACFARQUHAR, 2016)

O fato é que sua gestão causou um resultado devastador aos adeptos do socialismo, deixando-os sem sua identidade com a qual se orgulhavam. Os novos países, assim como as novas regiões geopolíticas, também são resultado da Perestroika e Glasnost do último líder da URSS.

Porém, sua intenção, como já foi dito, não era o fim da União Soviética, como tampouco apoiou a criação da Comunidade dos Estados Independentes. Gorbachev, entretanto, “atribui a maior parte dos males políticos e econômicos que afligem a Rússia ao seu odiado rival e sucessor, o ex-presidente Boris Iéltsin” (MACFARQUHAR, 2016).

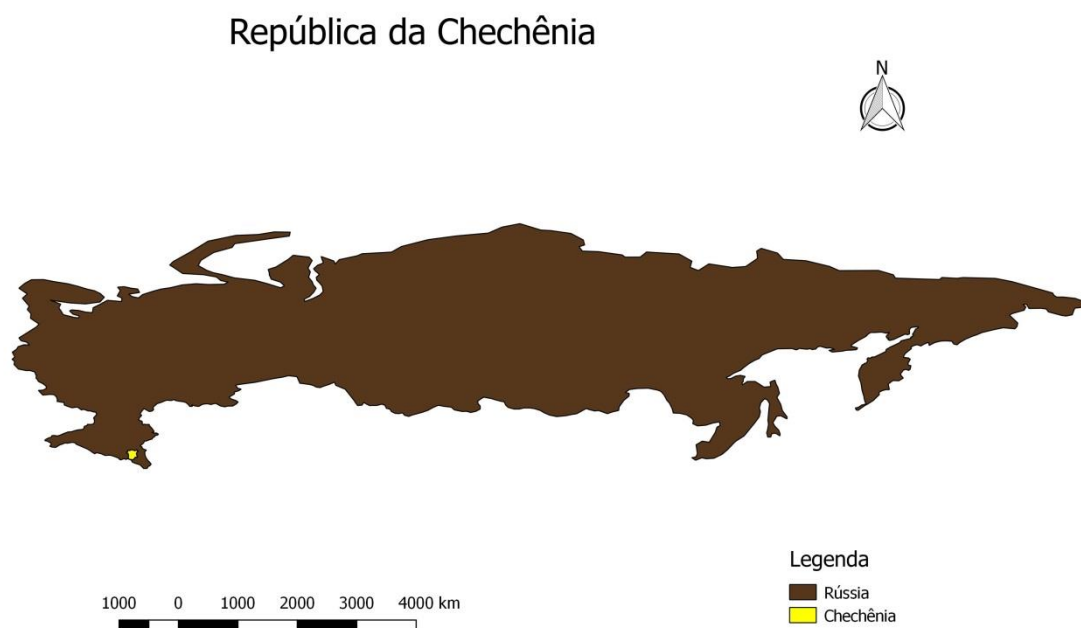
Chechênia

Com problemas considerados maiores do que aquele encontrado na pequena República da Chechênia, Boris Iéltsin ignorou o que viria a se tornar uma grande ameaça e acabaria com seu prestígio alcançado pela resistência ao Golpe de Agosto.

Defendendo o multipartidarismo e a democracia implantados por Gorbachev, esqueceu-se das consequências imediatas ao fim da única identidade que poderia ligar uma grande diversidade de etnias. O resultado não poderia ser diferente, senão a vários conflitos nacionalistas por territórios.

Aquele que ganhou maior destaque dentro da própria Rússia foi o conflito com a Chechênia, que reservava uma grande humilhação ao desmotivado exército russo e seu primeiro presidente pós-socialismo.

Situada na região do norte do Cáucaso, junto com as repúblicas da Inguchétia, Daguestão e Ossétia do Norte, a Chechênia ainda é considerada como o esconderijo de muitos terroristas vindos de diversos países da região, chegando a ser considerada como a capital do sequestro.



O primeiro conflito surgiu com a tomada de poder pela força do ex-oficial soviético Dzhokhar Dudayev, após um assassinato ao então presidente, atirado pela janela do palácio presidencial. Dudayev, então, iniciou uma campanha militar contra a Rússia para alcançar a desejada independência chechena. Foi um sucesso, o batalhão do exército enviado por Iéltsin foi massacrado por muitos civis que até então nunca haviam pegado em armas. (EDSON, 2012)

A única solução encontrada foi estabelecer a paz com a autonomia da Chechênia assegurada, mas sem a devida independência diante de um temido ataque em massa do ainda vasto contingente militar russo.

Essa foi a primeira guerra entre Rússia e Chechênia após o colapso soviético, mas esse conflito ressurgiu com a resposta de Putin, ainda como primeiro ministro, aos constantes ataques terroristas associados a chechenos.

Atualmente, o território permanece sob controle russo, embora suas desavenças estejam longe de ter sido concluída, permanecendo sob total vigilância e precavidos contra qualquer ameaça.

· **Ossétia do Sul e Abecásia**

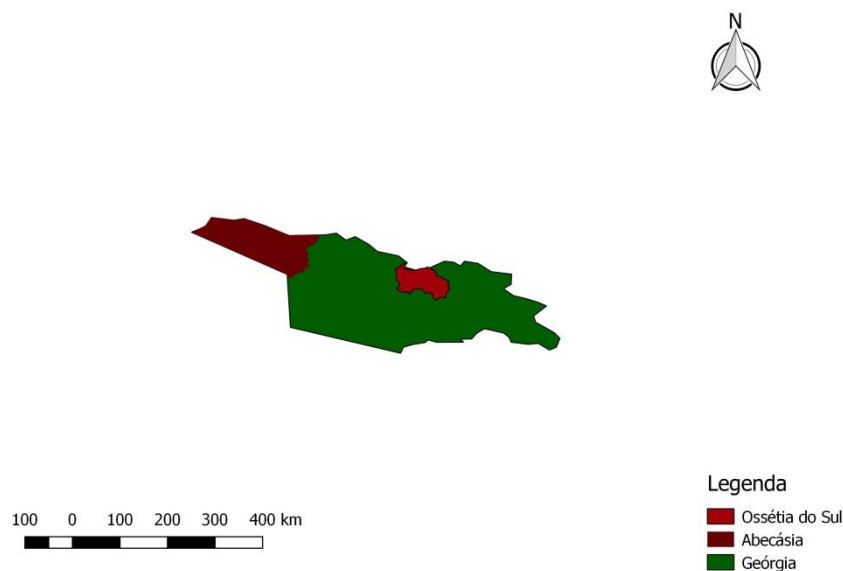
Perto da república chechena, outros conflitos surgem para incomodar Boris Iéltsin, que não pretendia se preocupar com questões nacionalistas diante da grave crise econômica que ainda o assolava.

O primeiro trata-se da região da Ossétia do Sul, que embora estivesse segregada da Ossétia do Norte desde os tempos de Império Russo, pretendia a reunificação de seus territórios diante do novo contexto em pertencer à Geórgia, com a qual não correspondia em nada seus sentimentos de pertencimento.

O fato da república do norte estar em território russo e a do sul em território georgiano não foi nem um pouco aceito pela maioria da população russa encontrada na região da Ossétia do Sul. Sua reivindicação imediata não poderia ser outra, senão a reintegração à Rússia pela reunificação de território com sua vizinha russa Ossétia do Norte.

Outra região também localizada na Geórgia é a Abecásia, também de maioria russa, declarou sua independência unilateralmente e ainda pretende se tornar parte do território russo.

Geórgia e Regiões Autônomas



Enquanto a Geórgia procura cada vez mais uma aproximação com o ocidente, diretamente associado à OTAN e EU, essas duas regiões autônomas, de maioria da população russa, procuram se desvincular totalmente do governo georgiano.

Utilizando desse aspecto nacionalista, a Rússia declarou seu apoio à autonomia dessas regiões independentes na Geórgia de maneira clara. E como medida para legitimar sua presença militar nas regiões, concedeu a cidadania russa à maioria da população dos abecases e ossetas do sul.

Segundo Kakachia (2008), “o uso da cidadania russa para criar uma população protegida a residir num Estado vizinho para minar sua soberania é um passo para redesenhar as antigas fronteiras da União Soviética”.

Com a premissa de proteger cidadãos russos, o presidente Vladimir Putin mantém suas tropas nas regiões para assegurar sua autonomia, como também garantir seu poder em território georgiano e no Cáucaso.

Nagorno-Karabakh

Mas nem todos os conflitos nacionalistas do Cáucaso envolve minoria russa, como é o caso do Azerbaijão.



Fonte: Google Earth, acesso em 10/10/2016.

No país azeri existe a república autônoma denominada Nagorno-Karabakh, que declarou sua independência unilateralmente com o fim da era soviética, iniciando uma disputa entre Armênia e Azerbaijão pelo território.

A região é de maioria da população armênia, com uma cultura e religião cristã, diferente dos azeris muçulmanos de origem turca. E como a história não lhes remete uma boa lembrança, a disputa pelo território não poderia ser pacífica.

Esse conflito já desencadeou uma guerra entre as partes no início da década de 90, mas de tempos em tempos, um ataque é disparado contra o inimigo, que está em constante ameaça e estado de alerta.

Tanto a Rússia como a OTAN, pedem um cessar fogo na região sempre que ela esboça algum perigo. Ambas as potências consideram sua presença como mais um fator de influência para sua estratégia geopolítica no Cáucaso.

Os russos, segundo a Stockholm International Peace Research Institute (SIPRI), enviam armas para os dois países, como mostra a tabela abaixo.

Transfers of major conventional weapons: sorted by supplier.
Deals with deliveries or orders made for year range 1991 to 2015.

Supplier/ recipient (R) delivered/ or licensor (L)	No. ordered	Weapon designation	Weapon description	Year of order/ licence	Year(s) of deliveries	No. produce
Russia						
R: Armenia	(9)	2K11 Krug/SA-4	SAM system	(1993)	1994	(9)
	349	3M8M1/SA-4	SAM	(1993)	1994	
	945	9M111 Fagot/AT-4	Anti-tank missile	(1993)		
	40	9M33/SA-8	SAM	(1993)	1993-1994	
	4	BRDM-2	Tank destroyer	(1993)		
	84	T-72	Tank	1994	1994-1996	
	8	9P117/Scud-B TEL	Mobile SSM launcher	(1995)		
	18	BM-21 Grad 122mm	Self-propelled MRL	(1995)		
	50	BMP-2	IFV	1995	1995-1996	
	18	D-1 152mm	Towed gun	(1995)		
	18	D-20 152mm	Towed gun	(1995)		
	36	D-30 122mm	Towed gun	(1995)		
	200	Igla/SA-18	Portable SAM	(1995)		
	(24)	R-17 Elbrus/Scud-B	SSM	(1995)	1996	
	2	Il-76M	Transport aircraft	2004		
	(144)	5V55U/SA-10C	SAM	(2007)	2009-2010	
	(2)	S-300PS/SA-10B	SAM system	(2007)		
	(10)	Tigr	APV	(2010)	2011	
	(200)	Igla-S/SA-24	Portable SAM	(2012)		
Azerbaijan	(62)	T-72M1	Tank	(2006)	2007	(62)
	(70)	BTR-80A	IFV	(2007)	2007-2010	
	(100)	9M133 Komet/AT-14	Anti-tank missile	(2008)		
	(200)	48N6E2/SA-10E	SAM	2010	2011	
	24	Mi-35M	Combat helicopter	2010		
	(66)	Mi-8MT/Mi-17	Transport helicopter	(2010)		
	2	S-300PMU-2/SA-20B	SAM system	2010		
	18	2S19 MSTA-S 152mm	Self-propelled gun	(2011)		
	(18)	2S31 Vena	Self-propelled mortar	(2011)		
	(1000)	9M117 Bastion/AT-10	Anti-tank missile	(2011)		
	(18)	BM-9A52 Smerch	Self-propelled MRL	(2011)		
	(100)	BMP-3	IFV	2011	2013-2015	
	(1000)	Igla-S/SA-24	Portable SAM	(2011)		
	(100)	T-90S	Tank	2011	2013-2015	
	18	TOS-1	Self-propelled MRL	(2011)		
	(2)	9K37 Buk-1M/SA-11	SAM system	2012		
	(100)	9M317/SA-17 Grizzly	SAM	2012	2013-2014	
	(100)	9M38/SA-11	SAM	2012	2013-2014	

Fonte: Stockholm International Peace Research Institute (SIPRI). Acesso em 10/10/2016. Disponível em <https://www.sipri.org/>.

Apesar da diplomacia russa sempre apoiar o cessar-fogo no conflito de Nagorno-Karabakh, nunca deixou de exportar armas aos dois exércitos.

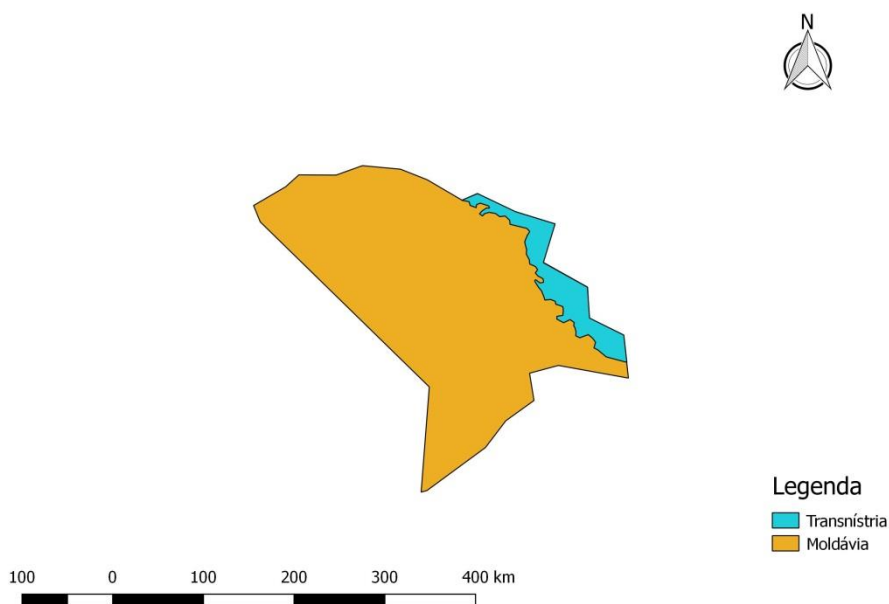
A Turquia, por sua vez, possui laços históricos com o Azerbaijão, além de uma óbvia antipatia por parte dos armênios, em questão da inesquecível lembrança do genocídio praticado pelo Império Otomano aos armênios na Primeira Guerra Mundial.

Convivendo com uma realidade de total instabilidade, a Armênia conta com o apoio de tropas russas e da OTAN para garantir a paz em seu país e à população da região de Nagorno-Karabakh.

· **Transnístria**

E não é só no Cáucaso que ocorrem conflitos nacionalistas gerados pelo fim da União Soviética, o leste europeu também convive com alguns movimentos extremamente perigosos.

Transnístria



Na pequena Moldávia, uma parte de seu território mantém sua lembrança soviética e não andou rumo ao ocidente como o restante do país. Essa região é a chamada Transnístria. Com governo moeda própria, está localizado entre o rio Dniester e a Ucrânia, sua capital é a cidade de Tiraspol.

Junto com as outras ex-repúblicas soviéticas, a Moldávia declarou sua independência e queria se distanciar da Rússia, buscando uma aproximação com a Romênia, diante da maioria da população moldava ter descendência romena. Porém, isso não acontece na Transnístria, de grande maioria russa, não via sentido em se manter unida à Moldávia e declarou unilateralmente sua separação, gerando uma guerra entre as partes.

Com ajuda de tropas russas, a região conseguiu sua autonomia e segurança, mas ainda mantém o desejo de se unir à Moscou. Conforme relata Mamontov (2016), o atual presidente da Transnístria, Yevgeny Shevchuk, não perde uma oportunidade em dizer a vontade de seu povo em se unir à Rússia.

O governo russo assegura a segurança da região com suas tropas sempre presentes, mas segue indefinida a anexação da Transnístria ao território russo.

· **Criméia**

Contudo, a mais recente conquista militar do presidente Vladimir Putin está na Ucrânia, com a anexação da Criméia em 2014.

Tudo começou quando o então presidente ucraniano Viktor Yanukovich recusou um acordo de livre comércio com a União Europeia, estreitando relações comerciais com a Rússia. De nacionalidade russa, o presidente representava parte da população mais ao leste do país, pró-Rússia, em especial a península da Criméia, que pertencia à Rússia até ser integrada à Ucrânia em 1951, pelo então líder soviético Nikita Khrushchev.

Porém uma outra parte, de nacionalidade ucraniana quer o distanciamento russo e uma maior abertura ao ocidente, em especial à comunidade da União Europeia, com todos os seus benefícios políticos e econômicos. Decepcionados, iniciaram um movimento de

impeachment do presidente Viktor Yanukovich, que terminou se exilando na Rússia diante das revoltas iniciadas contra ele.

Diferente do restante do país, a península da Criméia é formada por maioria russa, e entendeu como um golpe militar a queda do presidente, que representava seu povo de nacionalidade russa.

Imediatamente organizaram um referendo para a segregação da Ucrânia e reintegração à Rússia, com uma fácil vitória em meio ao contexto e apoio da população da península banhada pelo Mar Negro.

O presidente russo Vladimir Putin logo afirmou seu apoio ao povo russo situado na Criméia, e enviou tropas russas na região diante do violento conflito iniciado pela revolta dessas etnias adversárias.

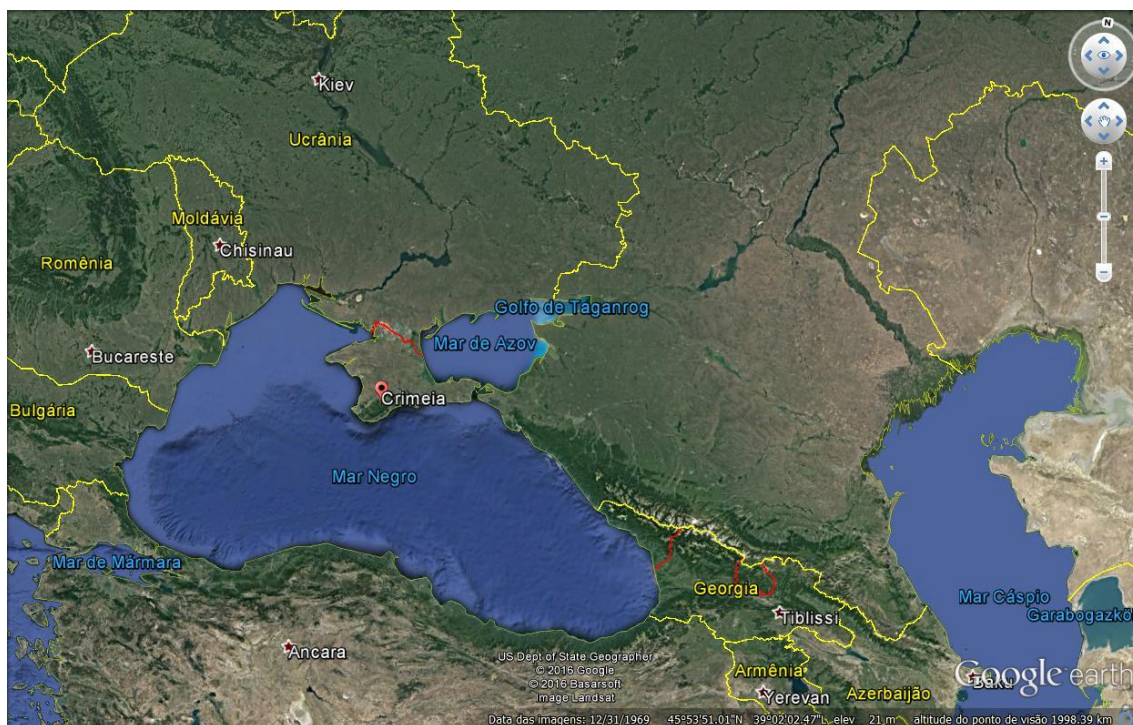
De acordo com dados do SIPRI (Stockholm International Peace Research Institute), a Rússia enviou armas para os rebeldes russos na Criméia, que com tal apoio controlaram a região pela força bélica.

**Transfers of major conventional weapons: sorted by supplier.
Deals with deliveries or orders made for year range 1991 to 2015.**

Supplier/ recipient (R) delivered/ or licensor (L)	No. ordered	Weapon designation	Weapon description	Year of order/ licence	Year(s) of deliveries	No. produce
Russia						
R: Ukraine Rebels*	(100)	9M133 Kornet/AT-14	Anti-tank missile	2014	2014	(100)
	(5)	BTR-82A	IFV	2014	2014	
	(10)	Grom-2	Portable SAM	2014		
	(10)	T-72B	Tank	2014	2014	

Fonte: Stockholm International Peace Research Institute (SIPRI). Acesso em 11/10/2016. Disponível em <https://www.sipri.org/>.

Com a vitória militar dos russos na região, a Criméia foi anexada à Rússia e hoje faz parte do território do país, mesmo separada por um estreito que liga o Mar Negro ao Mar de Azov.



Fonte: Google Earth, acesso em 11/10/2016.

A anexação da Criméia ligou um sinal de alerta para todos os conflitos na região do Leste Europeu e do Cáucaso, mesmo aqueles que são considerados congelados, mas podem ressurgir pela diversidade nacionalista, aliada à inexistente identidade soviética que conseguia reunir todas essas etnias em um mesmo território.

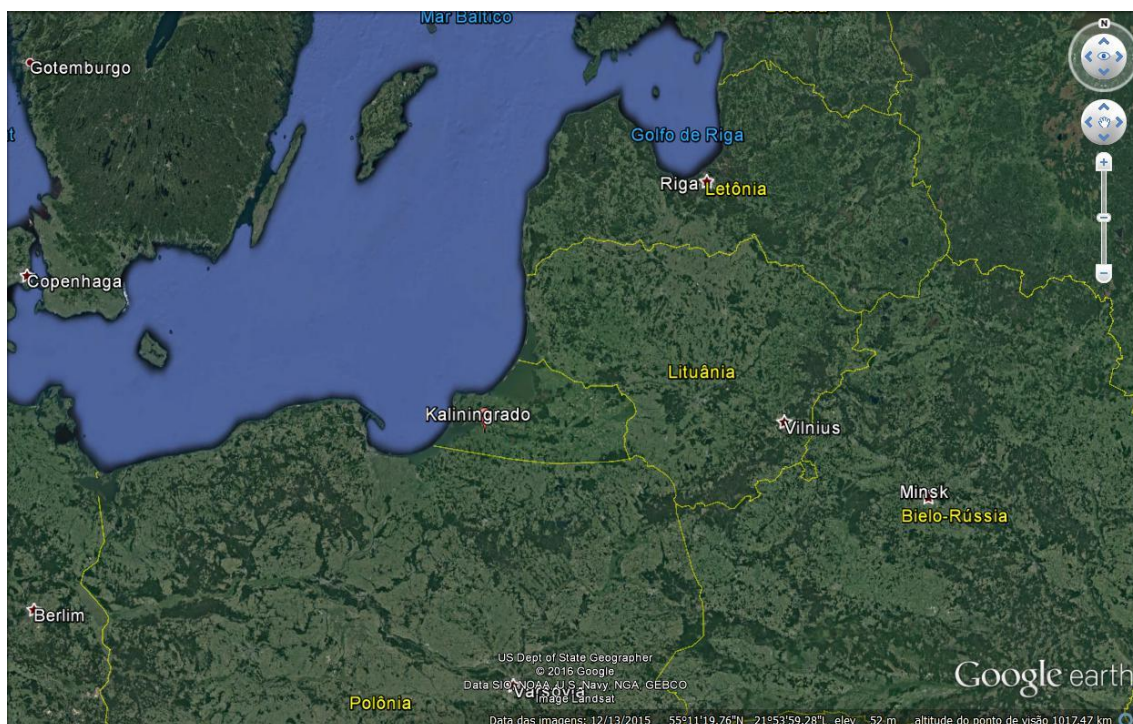
UMA NOVA GUERRA FRIA: A OTAN e o Báltico

As disputas entre Estados Unidos e Rússia continuam se renovando, apesar da tentativa de aproximação feita por Gorbachev. Durante a década de 90 os americanos regozijaram de sua vitória ideológica na Guerra Fria, enquanto os russos procuravam recuperar sua soberania, ao mesmo tempo em que se ajeitavam entre as novas fronteiras políticas.

Com a chegada de Vladimir Putin ao poder, novamente a Rússia reforça seu sentimento nacionalista, juntamente com sua aversão ao ocidente. Essa medida não deixou de ser estratégia para os russos recuperarem seu poder regional nos espaços pós-soviéticos.

Um dos palcos principais nessa disputa é o Báltico, principalmente por se tratar uma das principais portas de entrada da Rússia com o Ocidente, relacionadas a trocas comerciais e estratégias geopolíticas.

Embora os três países do Báltico tenham se aproximado do ocidente após a queda soviética, Putin mantém um território fundamental para exercer seu domínio na região, trata-se do *oblast* (região de território russo) de Kaliningrado.



Fonte: Google Earth, acesso em 13/10/2016.

Kaliningrado foi o local de nascimento da Prússia e ponto estratégico do exército naval nazista na Segunda Guerra Mundial. Sua conquista pelos russos fez parte de uma vingança do Exército Vermelho após a traição do Pacto Molontov-Ribbentrop. Nessa região foi estabelecida uma base naval de primeira linha, um ponto estratégico para o exército russo no domínio do Báltico contra qualquer ameaça ocidental na região, seja dos europeus ou mesmo dos americanos. (CHURRO, 2013)

Mesmo após o colapso soviético e consequente independência da Estônia, Letônia e Lituânia, a Rússia conseguiu manter Kaliningrado anexado ao seu território, com sua importante base naval sob o comando de Moscou.

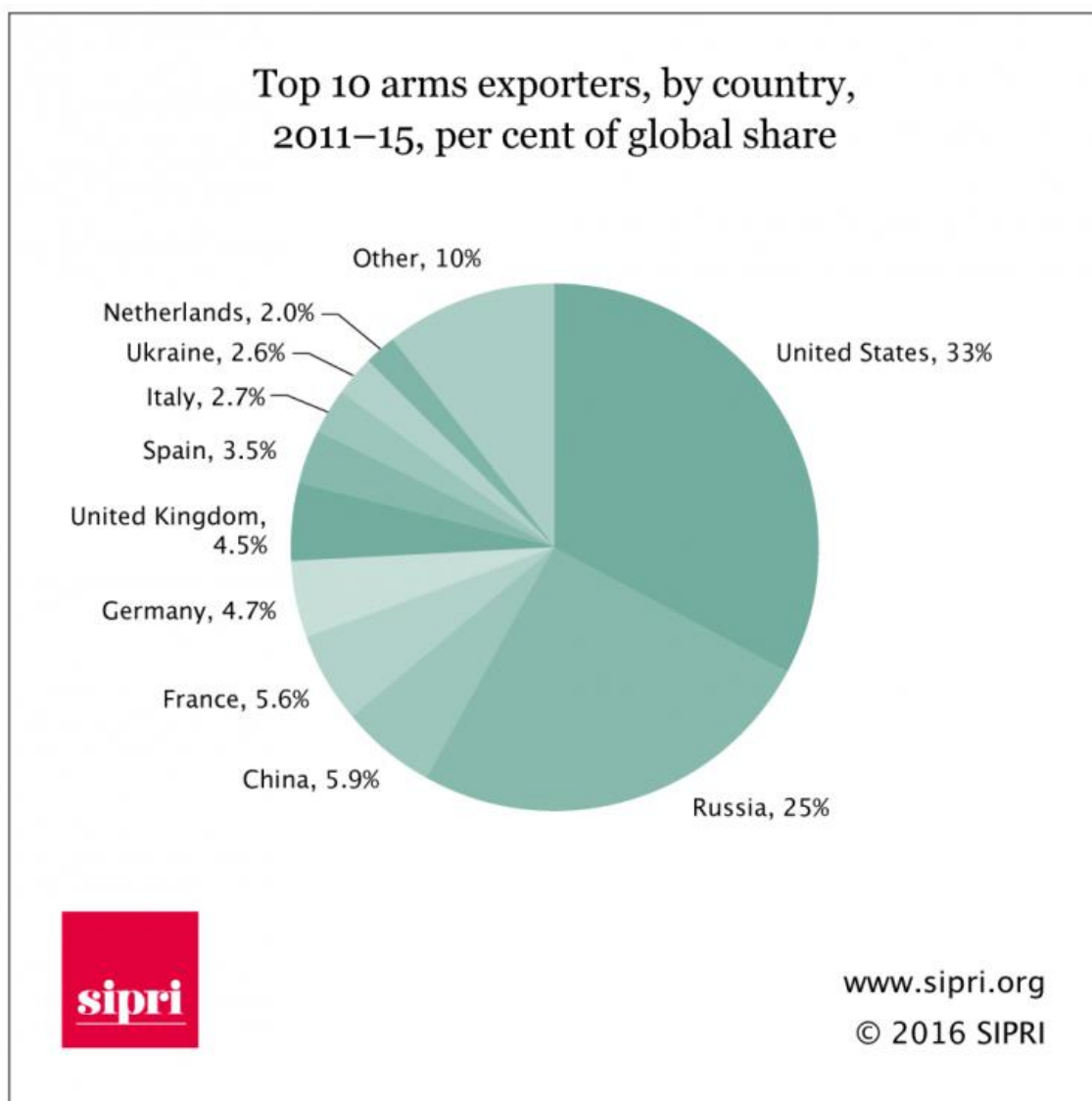
Atualmente, mesmo com sua relação próxima com os países do Báltico e à Polônia, os Estados Unidos frequentemente mostram sua preocupação com um possível ataque dos russos pelo Báltico, revelando o domínio da Rússia na região, exercido principalmente pelo seu importante Quartel General instalado estrategicamente em Kaliningrado.

As recentes medidas de instalações de um Escudo Antimíssil no leste europeu por parte dos Estados Unidos acirram suas preocupações com a região, que logo é respondida por testes e ameaças pelo lado russo, que ao lado dos americanos, possui uma produção bélica altamente modernizada, incluindo em armas nucleares, como mostra a imagem da base de dados do SIPRI (Stockholm International Peace Research Institute).



Fonte: Stockholm International Peace Research Institute (SIPRI). Acesso em 11/10/2016. Disponível em <https://www.sipri.org/>.

Essa alta produção bélica da Rússia atualmente, era muito comum nos tempos soviéticos, sobretudo durante a Guerra Fria com o comando do líder Joseph Stalin. O investimento militar foi considerado exagerado na época que Gorbachev se tornou líder do Partido Comunista, sendo até mesmo colocado como um dos fatores responsáveis pela grave crise econômica que o assolavam. Contudo, o atual presidente russo Vladimir Putin retoma massivamente o investimento militar, tornando a Rússia o segundo maior exportador de armas, atrás apenas dos Estados Unidos.



Fonte: Stockholm International Peace Research Institute (SIPRI). Acesso em 12/10/2016. Disponível em <https://www.sipri.org/>.

ÁSIA CENTRAL: O Ressurgimento Econômico e Militar

Os principais importadores de armas da Rússia, não por acaso, são seus aliados orientais, China e Índia.

The 10 largest importers of major weapons and their main suppliers, 2011–15

Importer	Share of international arms imports (%)		Main suppliers (share of importer's total imports %), 2011–15		
	2011–15	2006–10	1st	2nd	3rd
India	14	8.5	Russia (70)	USA (14)	Israel (4.5)
Saudi Arabia	7.0	2.1	USA (46)	UK (30)	Spain (5.9)
China	4.7	7.1	Russia (59)	France (15)	Ukraine (14)
UAE	4.6	3.9	USA (65)	France (8.4)	Italy (5.9)
Australia	3.6	3.3	USA (57)	Spain (28)	France (7.2)
Turkey	3.4	2.5	USA (63)	South Korea (9.5)	Spain (8.9)
Pakistan	3.3	4.3	China (63)	USA (19)	Italy (4.6)
Viet Nam	2.9	0.4	Russia (93)	Ukraine (2.6)	Spain (0.9)
USA	2.9	3.6	Germany (21)	Canada (11)	Norway (8.1)
South Korea	2.6	5.7	USA (80)	Germany (13)	Sweden (2.2)



www.sipri.org
© 2016 SIPRI

Fonte: Stockholm International Peace Research Institute (SIPRI). Acesso em 11/10/2016. Disponível em <https://www.sipri.org/>.

Ao lado da Arábia Saudita, são os maiores importadores de armas no mundo, o que reflete também o alto poder aquisitivo desses países que detêm os maiores índices de crescimento econômico atual.

Os cinco países pós-soviéticos que compõem a Ásia Central também são importantes importadores de armas da Rússia.

Transfers of major conventional weapons: sorted by supplier.
Deals with deliveries or orders made for year range 1991 to 2015.

Supplier/ recipient (R) delivered/ or licenser (L)	No. ordered	Weapon designation	Weapon description	Year of order/ licence	Year(s) of deliveries	No. produce
Russia						
R: Kazakhstan	(13)	L-39C Albatros	Trainer aircraft	(1995)	1996-2000	(13)
	(12)	MiG-29	Fighter aircraft	1995		
	(14)	Su-25	Ground attack ac	1995		
	(14)	Su-27S/Flanker-B	FGA aircraft	(1995)		
	(40)	5V55U/SA-10C	SAM	1998	2000	
	1	Il-76M	Transport aircraft	1998		
	1	S-300P/SA-10A	SAM system	1998		
	(3)	Mi-8MT/Mi-17	Transport helicopter	(2002)		
	(14)	Mi-8MT/Mi-17	Transport helicopter	(2002)		
	(14)	BTR-80A	IFV	(2003)	2004-2005	
	18	BPM-97	APC	2006	2008	
	(1)	BTR-80	APC	2006	2008	
	(3)	ANSAT	Light helicopter	2007		
	(79)	BTR-80A	IFV	2007	2007-2010	
	(12)	Mi-8MT/Mi-17	Transport helicopter	2007		
	(2)	N-001 Myech	Combat ac radar	2007		
	(120)	9M120 Ataka/AT-9	Anti-tank missile	(2010)		
	(10)	BMPT	AFSV	(2010)	2011-2013	
	(44)	BTR-82A	IFV	(2010)	2011-2012	
	(20)	Igla-1/SA-16	Portable SAM	(2010)		
	(21)	Tigr	APV	(2010)	2011-2012	
	(3)	TOS-1	Self-propelled MRL	(2010)		
	(17)	BTR-80	APC	(2011)	2012	
	(10)	Mi-8MT/Mi-17	Transport helicopter	(2012)		
	(200)	5V55U/SA-10C	SAM	(2013)	2015	
	(400)	9M120 Ataka/AT-9	Anti-tank missile	(2013)		
	(30)	BMPT	AFSV	2013		
	2	Project-10750/Lida	MCM ship	2013		
	(5)	S-300PS/SA-10B	SAM system	(2013)		
	(4)	Su-30MK	FGA aircraft	(2014)		
Kyrgyzstan	2	Mi-8MT/Mi-17	Transport helicopter	(2003)	2003	2
	1	Mi-8MT/Mi-17	Transport helicopter	(2005)		
		BTR-70	APC	2015		
Tajikistan	10	Mi-8MT/Mi-17	Transport helicopter	1993	1994	(10)
	2	Mi-24P/Mi-35P	Combat helicopter	2006		
	2	Mi-8MT/Mi-17	Transport helicopter	2006		
	4	L-39C Albatros	Trainer aircraft	(2007)		
	(1)	S-125 Pechora-2M	SAM system	2007		
	50	V-600/SA-3B	SAM	(2007)	2009	
Turkmenistan	6	BM-9A52 Smerch	Self-propelled MRL	2008	2009-2010	(6)
	(40)	Kh-35 Uran/SS-N-25	Anti-ship missile	(2008)		
	2	Project-1241/Tarantul	FAC	2008	2011	
	(8)	BTR-80A	IFV	(2009)	2009	
	2	Project-12200/Sobol	Patrol craft	2009		
	(10)	T-90S	Tank	(2009)	2009-2012	
	(60)	9M117 Bastion/AT-10	Anti-tank missile	(2010)		
	(6)	BMP-3	IFV	(2010)	2010	
	(60)	Igla-S/SA-24	Portable SAM	(2012)		
	(25)	Kh-35 Uran/SS-N-25	Anti-ship missile	2013		
Uzbekistan	50	BTR-80	APC	2001	2001-2002	(50)

Fonte: Stockholm International Peace Research Institute (SIPRI). Acesso em 11/10/2016. Disponível em <https://www.sipri.org/>

Com um intenso comércio de armas entre si, os países da Ásia Central formam também um importante elo de alianças econômicas, seja através dos BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul), com uma cooperação econômica mútua em acordos comerciais e investimentos, ou pelo transporte de petróleo e gás natural, envolvendo as ricas reservas desses minerais no Cazaquistão, Uzbequistão, Turcomenistão, Tadjiquistão e Quirguistão.

Portanto, a política externa de Vladimir Putin parece usar da força e poder militar contra o ocidente e o Cáucaso, enquanto estabelece relações diplomáticas um pouco mais amigáveis com seus parceiros orientais.

Isso não significa um desprezo ou desatenção geopolítica com sua fronteira oriental, principalmente na parte banhada pelo Oceano Pacífico, possuindo como vizinho mais próximo nada menos que os Estados Unidos, próximos pelo histórico Estreito de Bering, ligando os russos com o território do Alasca, com o qual já fez parte Império Russo antes de ser vendido aos americanos no século XIX.

Quanto à pequena densidade populacional do extenso território russo, especialmente na parte oriental, o presidente Putin anunciou neste ano que o governo irá ceder um hectare de terras para cada cidadão empenhado em viver nessa região, ajudando a povoar o extremo oriente da Rússia. (BERCITO, 2016)

Por fim, apesar das boas relações diplomáticas com os países da Ásia Central, o presidente Putin mantém funções estratégicas para cada espaço perdido em consequência do fim da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas.

CONCLUSÃO

Com o colapso soviético em 1991, identificou-se a criação de novas regiões geopolíticas distintas: Báltico, Leste Europeu, Cáucaso e Ásia Central.

O Báltico compreende três países que fizeram parte da URSS e hoje mantém políticas relacionadas aos países ocidentais. A Rússia mantém um controle do Mar Báltico pelo importante porto de São Petersburgo, mas principalmente por sua base militar localizada no território de Kaliningrado.

Mais ao sul no Leste Europeu, também com três países que pertenceram ao governo soviético, uma parte da população é de nacionalidade russa, enquanto outras etnias provocam disputas entre qual o rumo cada país deve tomar, a região da Transnístria pretende seguir o caminho da Criméia.

Porém, os maiores conflitos se localizam no Cáucaso, região que separa o oriente médio da Rússia, além de ligar a Europa à Ásia, pelos mares Negro e Cáspio. Essa localização estratégica provoca muitos interesses econômicos, além de possuir diversas etnias em poucos territórios, que muitas vezes não condizem com suas vontades. Conflitos nacionalistas se tornaram comuns, como nas regiões da Abecásia e Ossétia do Sul na Geórgia, além de Nagorno-Karabakh no Azerbaijão, com maioria de população armênia.

Já ao leste do Mar Cáspio, a Ásia Central representa uma das bases ao ressurgimento econômico da Rússia, por seu transporte de gás natural e petróleo junto aos cinco países que já viveram sob o comendo do Partido Comunista, como também pela aliança com a China e a Índia, um dos dois países que mais crescem economicamente no mundo.

Seja pela força militar, identidade nacionalista, diplomacia pacífica ou simplesmente influência econômica, o presidente Vladimir Putin segue com seus objetivos geopolíticos nas novas regiões que surgiram após o fim da União Soviética, com a intenção de recuperar a hegemonia regional dos tempos de Império Russo ou mesmo do governo socialista de Lênin e Stálin.

BIBLIOGRAFIA

ADAM, Gabriel Pessin. Uma Longa Transição: Vinte anos de transformação na Rússia. Cap. 2: A Rússia e os países da Comunidade dos Estados Independentes no início do século XXI. Brasília: IPEA, 2011.

ALBUQUERQUE, César A. Rodrigues. Perestroika em curso: Uma análise da evolução do pensamento político e econômico de Gorbachev (1984-1991). Dissertação de Mestrado. São Paulo: USP, 2015.

BBC BRASIL. Disponível em:

http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/04/160415_lenin_estatua_tg?ocid=wspor_tuguese..social.sponsored-tweet.twitter.Round9-Lenin%27sMummy.General.Ad2.mktg.

Acesso em 1 de outubro de 2016.

BERCITO, Diogo. Por que a Rússia está distribuindo terra de graça? Disponível em:

<http://mundialissimo.blogfolha.uol.com.br/2016/05/04/por-que-a-russia-esta-distribuindo-terra-de-graca/>. Acesso em 5 de outubro de 2016.

BITTAR, Marisa. FERREIRA JR, Amarílio. A Educação na Rússia de Lênin. Revista HISTEDBR On-line. Campinas, abril de 2011 – ISSN: 1676-2584.

CANÊDO, Silvia H. Guilherme. OTAN: Evolução história. Revista Conjuntura Internacional. PUC Minas, ano 3, n 12, 07 a 13/05/2006. ISSN: 1809-6182.

CHAGAS, Débora Nascimento. A geopolítica dos recursos naturais da Rússia: Uma análise sob a perspectiva de Vladimir Putin. Curitiba: UNINTER, 2014.

CHURRO, João M. B. de Matos. A geopolítica enquanto instrumento de afirmação mundial da Rússia. Dissertação de grau de Mestre em Estratégia. Universidade de Lisboa. Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, 2013.

COSTA JÚNIOR, Pedro D. O despertar do urso: A Rússia e seu entorno regional sob a Era Putin. 2 Seminário de Relações Internacionais Graduação e Pós-Graduação: Os BRICS e as transformações da ordem global. João Pessoa: Faculdades Integradas Rio Branco e FACAMP, 2014.

EDSON, Paulo. Crônicas do Cáucaso: As guerras da Chechênia. Sorocaba: CREAARTE, 2012.

GEIGER, Luana M. Integração Euro-Atlântica: A política externa norte-americana para o leste europeu no pós-guerra fria. Porto Alegre: ESPM SUL, 2014.

GOMES, Luiz H. Marques. O modelo stalinista de planificação econômica. XI Congresso Brasileiro de História Econômica. 14 a 16 de setembro de 2015. Vitória-ES.

GOOGLE EARTH. Disponível em: <https://www.google.com.br/intl/pt-BR/earth/>. Último acesso em 13 de outubro de 2016.

KAKACHIA, Kornely K. A guerra dos cinco dias. Revista Relações Internacionais, n 20. Lisboa, dezembro de 2008.

LOSURDO, Domenico. O significado histórico da revolução de outubro. Revista Crítica Marxista, n 5. Campinas, 1997.

MACFARQUHAR, Neil. Gorbachev ainda é odiado na Rússia 25 anos após a queda da União Soviética. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2016/06/1778603-gorbachev-ainda-e-odiado-na-russia-25-anos-apos-queda-da-uniao-sovietica.shtml>. Acesso em 3 de outubro de 2016.

MAMONTOV, Sergei. Líder da Transnístria quer Estado comum com a Rússia, como era na URSS. Disponível em: <https://br.sputniknews.com/mundo/201605094504535-lider-transnistria-urss/>. Acesso em 7 de outubro de 2016.

MARX, Karl. Crítica da filosofia do direito de Hegel. São Paulo: BOITEMPO, 2014.

MIELNICZUK, Fabiano. Ucrânia e Belarus: Tão longe do ocidente e tão perto da Rússia. Revista Cadernos Adenauer X, n 2. Rio de Janeiro: Fundação Konrad Adenauer, outubro de 2009.

MIKHAILOVA, Irina. Rússia e China: Transformações econômicas à luz da história das relações bilaterais. Monções: Revista de Relações Internacionais. Dourados: UFGD, 2013. Vol. 2, n 3.

MILHAZES, José. Comunismo como fase surpresa do anticlericalismo. CEM Cultura, Espaço e Memória: Revista do CITCEM, n 3, 2012.

RODRIGUES, Robério Paulino. O colapso da URSS: Um estudo das causas. Tese de Doutorado. São Paulo: USP, 2006.

SERRA, João José V. A NATO e o Cáucaso: Um novo desafio. Instituto de Estudos Superiores Militares. Lisboa: 2010.

SIPRI. Stockholm International Peace Research Institute. Disponível em: <<https://www.sipri.org/>>. Último acesso em 11 de outubro de 2016.

SLOBODA, Pedro M. Pinto. A anexação da Criméia pela Rússia: Uma análise jurídica. Centro de Direito Internacional. Belo Horizonte: CEDIN, 2014.

TOMÉ, Luis. O grande jogo geopolítico nos espaços do “espaço pós-soviético”. Centro Português de Geopolítica. Revista Geopolítica, n 1. Setembro de 2007. ISSN: 187-240.

VASCONCELOS, André L. Batalha de Stalingrado: O documentário como agente da história. Revista História e Reflexão, vol. 6, n 12. Dourados: UFGD, 2012.

XAVIER, João Ricardo G. Z. A política externa da Rússia: O referendo da Criméia e os efeitos na região de Nagorno-Karabakh. Revista Conjuntura Global, vol. 4, n 3. Setembro a dezembro de 2015.

XAVIER, Fernanda Ollé. Episódios da Guerra Fria: Seu início, meio e fim. Revista Diálogo e Interação, vol. 4, 2010. ISSN: 2175-3687.